

1ª PARTE

Estudios

SAUDADE

Antônio Martins Filho

No Ano Santo de 1925, quando a minha fase de exaltação sentimental havia chegado ao clímax, cometi a imprudência de compor uns versos de um pieguismo incrível e que terminavam assim:

*“Se o meu sofrer é grande, imensurável,
Saudade por que tanto ainda me feres?
— Ah, Sim! És companheira inseparável
De quem vive a sofrer pelas mulheres...”*

A verdade é que esse estado de espírito era inteiramente falso. Não havia nenhum sofrimento. Se alguma coisa viesse a ser ferida, seria a sensibilidade estética dos meus problemáticos leitores. As mulheres, ou mais precisamente as minhas namoradas, nada ou quase nada representavam, porque quando uma saía do meu circuito, uma outra entrava, numa espécie de rodízio, muito bem acolhido pelos rapazes e moças que povoavam o meu universo afetivo.

Hoje, porém, mais de sessenta anos decorridos, eu realmente sinto saudades de uma época ainda mais recuada no funil do tempo.

Saudade de minha avó, Maria da Soledade, que compreendia o meu temperamento e justificava a minha inquietação, abrindo-me um crédito de confiança e de estímulo, quando dizia que *Antônio ainda* será muita coisa, contrariando a opinião quase unânime dos demais parentes de que Antônio, menino problema, nada irá ser na vida...

Saudade da época em que, num sentimento precoce de liberdade, eu percorria os engenhos de cana de Zé Major e de Rufino Queiróz, depois que tomava banho no Poço de Ousinho, que era alimentado pelo rio Salamanca, um riozinho estreito, sonolento e de águas límpidas, que se tornavam volumosas e barrentas, quando as chuvas caíam.

Saudade dos meus bons tempos do Crato, da Rua das Laranjeiras e da Rua da Vala, quando sentia inveja dos meus colegas de traquinagem, que concorriam ao *Pau de Sebo*, erigido no ponto terminal da Travessa dos Ourives, a que a nossa irreverência denominava de “As Três Quinas do Inferno”. Os meus amigos poderiam vencer o

sebo e abiscoitar as células, enquanto que eu não poderia participar daquela façanha, em obediência ao Código de Ética da família.

Saudade do meu mestre de música e depois colega Joaquim David, que conseguiu meter em minha cabeça, de maneira objetiva e racional, a significação dos sustenidos e dos bemóis, possibilitando-me, assim, chegar ao posto de segunda trompa da Filarmônica Municipal do Crato.

Saudade do meu emprego de caixeiro, a serviço das Casas Pernambucanas, quando me foi dado conhecer o professor José Bezerra de Brito, que me ensinou a conjugar verbos e me encorajou a ingressar no mundo das letras, do qual jamais consegui sair. Foi em função do apoio deste mestre e amigo que me aventurei a escrever em prosa e verso. Na oratória, até consegui alguns triunfos, mercê de uma memória que nunca me falhou. Também, por intuição, muito cedo compreendi que o orador, sobre ser autor, é acima de tudo ator. E sob este aspecto eu me tornei forte...

Tenho saudade de quando os homens eram mais autênticos, os jovens menos agressivos e as mulheres mais recatadas. Nunca poderia imaginar que os quadris femininos, quando bem movimentados, viessem a ser transformados em mercadoria sujeita à lei da oferta e da procura, nas competições da propaganda televisonada.

Por fim, sinto saudade de quando eu ignorava a melancólica verdade a que chegou David Nasser, ao afirmar que "a vida é uma festa, na qual a gente entra sem ser convidado e sai antes de ela terminar".

Oxalá que eu permaneça participando dessa festa, mas lúcido e válido, conduzindo o meu patuá de saudades, em cuja evocação irei lembrando, suave e tranqüilamente, aquilo que me parece o lado bom da vida.